

VIRUS

26

O DEBATE DECOLONIAL TERRITÓRIOS

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH

REVISTA . JOURNAL

ISSN 2175-974X

CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NOMADS.USP

WWW.NOMADS.USP.BR/VIRUS

DEZEMBRO 2023

NOMADS
USP

usp

USP

VI 26

O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES

EDITORIAL

- 001 O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS
THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, THAMYRES REIS, ISABELLA CAVALCANTI, CAIO MUNIZ

ENTREVISTA

- 004 UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR INSUFICIÊNCIAS
A DECOLONIAL PERSPECTIVE TO OVERCOME INSUFFICIENCIES
UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR LAS INSUFICIENCIAS
FERNANDO LUIZ LARA

ÁGORA

- 012 LA DIMENSIÓN ESPACIAL DE LA COLONIALIDAD: UNA PROPUESTA INTERPRETATIVA Y OTRAS VOCES IGNORADAS
THE SPATIAL DIMENSION OF COLONIALITY: AN INTERPRETATIVE PROPOSAL AND OTHER IGNORED VOICES
YASSER FARRÉS DELGADO
- 029 ÀS VEZES É FEIO, MAS TÁ NA MODA! POTÊNCIAS, ADIÇÕES E LIMITES DECOLONIAIS
SOMETIMES IT'S UGLY, BUT FASHIONABLE! DECOLONIAL POWERS, ADDITIONS, AND LIMITS
LEO NAME, TEREZA SPYER
- 041 HACIA UNA ONTOLOGÍA POLÍTICA DEL BUEN VIVIR URBANO
TOWARD A POLITICAL ONTOLOGY OF URBAN BUEN VIVIR
PILAR MARIN, ALDO ALOR, ISRAEL ORREGO-ECHEVERRÍA
- 050 A POÉTICA DA RELAÇÃO E AS CIDADES: PERSPECTIVA PARA UMA URBANÍSTICA DECOLONIAL
THE POETICS OF RELATION AND CITIES: PERSPECTIVE FOR A DECOLONIAL URBANISM
CARLOS HENRIQUE MAGALHÃES DE LIMA
- 059 FOSS, CARTOGRAFÍA, COLONIALISMO Y SOBERANÍA EN PARAGUAY Y EL SUR GLOBAL
FOSS, CARTOGRAPHY, COLONIALISM AND SOVEREIGNTY IN PARAGUAY AND THE GLOBAL SOUTH
JUAN CRISTALDO, GUILLERMO BRITZ, SILVIA ARÉVALOS, LISSANDRY RODRIGUEZ
- 087 A PAISAGEM NA CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER: O NHANDEREKO NA CAPITAL PAULISTA
THE LANDSCAPE IN THE CONSTRUCTION OF GOOD LIVING: THE NHANDEREKO IN SAO PAULO STATE CAPITAL
LUCAS BUENO, FÁBIO GONÇALVES

- 102 ABORDAGENS DECOLONIAIS PARA PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO
DECOLONIAL APPROACHES TO RESEARCH IN URBAN PLANNING
FABIANA SILVA, CINTIA ALVES, ISABELA SANTOS
- 118 EXPERIÊNCIA NO ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO E A CIVILIZAÇÃO NUA DA AMÉRICA DO SUL
EXPERIENCE ON THE ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO AND THE SOUTH AMERICAN NAKED CIVILIZATION
LEONARDO NOVO, LEONARDO SOUZA
- 127 1984: COLONIALISMO E DISTOPIA
1984: COLONIALISM AND DYSTOPIA
PAULA ALBUQUERQUE
- 136 PROSPECTANDO QUALIDADES RELACIONAIS ANTICOLONIAIS NA EDUCAÇÃO EM DESIGN
PROSPECTING ANTI-COLONIAL QUALITIES IN DESIGN EDUCATION
MARCO MAZZAROTTO, FREDERICK VAN AMSTEL, BIBIANA SERPA, SÂMIA SILVA

PROJETO

- 146 RUMO A UM DESENHO URBANO GENUINAMENTE LATINO
TOWARDS A LATIN-BASED URBAN DESIGN
CARLOS COSTA, CARLOS NOME

**EXPERIÊNCIA NO ALTIPLANO:
FLÁVIO DE CARVALHO E A CIVILIZAÇÃO NUA DA AMÉRICA DO SUL**
**EXPERIENCE ON THE ALTIPLANO:
FLÁVIO DE CARVALHO AND THE SOUTH AMERICAN NAKED CIVILIZATION**
LEONARDO NOVO, LEONARDO SOUZA

Leonardo Faggion Novo tem graduação e Doutorado em História. É pesquisador do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade da Universidade Estadual de Campinas e atua nas áreas de História Urbana, História da Arquitetura e do Urbanismo, História Política, História da América, do Brasil Republicano e americanismos. leo.novo7@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/0738715276806398>

Leonardo Vieira de Souza é arquiteto e urbanista e mestrando do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Membro do grupo de pesquisa Laboratório Urbano e pesquisador da Cronologia do Pensamento Urbanístico, com experiência nos estudos sobre o urbanismo, as cidades modernas americanas e as transformações urbanas e geopolíticas das Américas. l.ilustracoes@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/1625967763535838>

ARTIGO SUBMETIDO EM 6 DE AGOSTO DE 2023

Como citar esse texto: Novo, L. F., Souza, L. V. (2023). Experiência no Altiplano: Flávio de Carvalho e a civilização nua da América do Sul. *VIRUS*, 26, 118-126. <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/796>

Resumo

Este artigo revisita algumas experiências investigativas de Flávio de Carvalho sobre o homem e a cidade na América para recuperar sua perspectiva crítica acerca dos cânones do urbanismo moderno. Ao articular pressupostos antropófagos ao campo do urbanismo, Flávio de Carvalho questionava o caráter universalista da técnica em prol de subverter as noções de progresso e civilização colocadas a serviço de projetos coloniais e colonialistas. A análise de um percurso de reflexões, no qual destacam-se os textos “A cidade do homem nu” (1930), “A casa do homem americano” (1947) e “Meditações na Cordilheira” (1947), permite sublinhar a operação de deslocar narrativas e histórias consideradas marginais para o centro do debate moderno sobre as cidades. A leitura sobre essas propostas urbanísticas e projetos políticos é amparada por estudos recentes que articulam o debate decolonial ao campo disciplinar do urbanismo em uma perspectiva latino-americana. Argumenta-se sobre como o projeto antropofágico para uma cidade-laboratório baseada na liberdade urbana incondicional elaborado por Flávio de Carvalho tem como base estudos sobre a história, organização social e urbana de sociedades pré-colombianas do Altiplano andino. Com isso, pretende-se evidenciar outras elaborações e heranças dos urbanismos modernos e seus potenciais de descentralizar narrativas da história urbana..

Palavras-chave: Flávio de Carvalho, Urbanismos, Américas, Congressos Profissionais

1 Introdução: as Américas entre o velho e o novo mundo

As disputas sobre as identidades na e da América conformam um tema quase tão antigo quanto a história das invasões e da colonização do continente. Desde as viagens de Colombo e o paradigmático ano de 1492, passando pelos numerosos relatos elaborados pelos cronistas europeus ao longo do período colonial, até os debates decoloniais que avançam século XXI adentro, pensar e contestar os marcos de origem, as características culturais que definiriam as sociedades americanas e os projetos de futuro elaborados a partir desses tópicos é um exercício político estruturante da história do continente americano. Em meio a essas tramas, as cidades e o urbano assumem uma importante dimensão. Seja em seus desdobramentos geopolíticos, seja a partir de suas características culturais, as cidades fundadas na América são articuladoras de diferentes temporalidades e nós de tensão das disputas travadas entre as elites acerca de suas transformações, reformas e projetos arquitetônicos e urbanísticos. Como postulou Richard Morse (1990), as cidades podem ser encaradas como síntese de um processo dialético entre a ideia de cidade na Europa e as condições de vida nesse Novo Mundo e estavam intimamente relacionadas a diferentes interpretações sobre o moderno e a civilização ao longo do processo de colonização.

Desde o final do século XV, os territórios americanos já eram narrados pelos europeus como tábula rasa, noção que atravessa diversas temporalidades e se configura como proposição modernista fundamental no século XX: uma condição básica para implementar mudanças no porvir e atualizar os signos coloniais da conquista por meio das transformações urbanas. Esse diagnóstico embasou o poder de decisão sobre o que destruir, derrubar, e o que manter, preservar, bem como ao que introduzir de “novo” sobre um dado território. Implica, portanto, numa desafiante condição de potência criativa frente à história, reiterando a atitude demiúrgica do arquiteto urbanista moderno. A Carta de Atenas proposta por arquitetos europeus no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Atenas, 1933) reforça a noção de tábula rasa como a possibilidade e convicção de construir um novo mundo moderno supostamente universal e neutro.

Quais são as implicações dessa reiterada imagem de uma América tábula rasa? Quais são as temporalidades evocadas por essa noção e a quem serve esse projeto de dominação perpetuado desde os primeiros empreendimentos coloniais nesses territórios? Seria possível identificar *outras* heranças dessa modernidade no continente americano traduzidas em suas dimensões urbanas? Essas questões orientaram a presente investigação sobre a trajetória e determinados projetos de Flávio de Carvalho. Por meio de diferentes linguagens, o engenheiro-arquiteto-urbanista-artista-arqueólogo formulou propostas modernas que problematizavam esse

caráter da ausência imposto ao continente¹. Flávio de Carvalho traçou novas possibilidades imaginativas para a construção de uma outra ordem social e política para as cidades e sociedades americanas a partir de sua história. Menos do que conferir algum suposto caráter pioneiro a seus projetos, o presente exercício tem como objetivo identificar como as problematizações e questionamentos elaborados a partir do campo da arquitetura e do urbanismo no início do século XX relacionavam o moderno ao colonialismo e indicavam os efeitos dessa articulação nas projeções de futuro para as cidades e sociedades do continente, bem como sublinhavam os modelos modernos norte-atlânticos como instrumentos de dominação.

As interpretações críticas que problematizam os lugares da América na geopolítica internacional conformam uma questão política e intelectual atual, ainda que dotada de historicidade. Desde, ao menos, a década de 1990, com a fundação do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), as perspectivas decoloniais associadas aos estudos subalternos evidenciaram os efeitos epistêmicos, teóricos e políticos da colonialidade do poder, do saber e do ser que continuam a violentar as antigas colônias do continente. O referido grupo é composto por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas, sobretudo dos Estados Unidos, e é responsável por realizar um movimento epistemológico de renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina. Suas propostas radicalizam o argumento pós-colonial para denunciar, compreender e atuar em um mundo marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva. Dentre outros, destacam-se como membros Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel, Walter D. Mignolo, Zulma Palermo, Catherine Walsh, Arturo Escobar, Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez, María Lugones e Nelson Maldonado-Torres. Não podemos deixar de notar, a partir dos objetivos e da análise histórica do presente texto, a ausência de historiadores e arquitetos-urbanistas filiados ao grupo M/C. O chamado “giro decolonial na América Latina” (Ballestrin, 2013) deu fôlego a uma série de iniciativas dentro e fora da academia que recuperaram os efeitos do processo de colonização e a naturalização de lugares hierárquicos entre os países americanos e seus “outros”, como os Estados Unidos e a Europa.

A naturalização dessas hierarquias, por sua vez, conformou um cânone eurocêntrico tomado como base para a estruturação de uma série de disciplinas e formas de interpretar o mundo. Mais do que uma seleção de obras e autores consagrados, o cânone representa um sistema de relações de poder e valoração que determinam quais autores e obras merecem ser reconhecidos e quais não, como o definem Fernando Lara, Fernando Martínez Nespral e Indrig Quintana-Guerrero (2023). No editorial do número especial da revista *Dearq* sobre o debate decolonial, os autores denunciam como, no campo da arquitetura e do urbanismo, o cânone eurocêntrico ditou como se tem narrado a história nesse jogo de relações de força e exclusões e a necessidade de ampliar pesquisas que articulem as categorias narrativas próprias da história da arquitetura e do urbanismo modernos à processos mais amplos como o sistema colonial e o império britânico. Desse modo, os projetos e obras passam a ser entendidos como produtos de uma complexa rede transregional e global de conexões, causas e consequências que excede e indica os limites do quadro europeu.

Não são suficientes, entretanto, como afirma Martínez Nespral (2019), as tentativas de superar o cânone pela adição de nomes pontuais que agem como exceções e continuam a afirmar o sistema e suas hierarquias. Ao invés de reafirmar a lógica dos “outros” por meio das exceções que confirmam a regra, é necessário buscar alternativas e outras heranças nas quais podemos nos apoiar no exercício de indicar os limites e violências epistemológicas praticados por meio das narrativas históricas. Esse é o lugar que situamos Flávio de Carvalho em suas provocações antropofágicas nas primeiras décadas do século XX ao tomar parte do debate sobre a “consciência da singularidade do continente americano e a formação do imaginário de *americanidade*” (Topalov, Bresciani, Coudroy de Lille & Rivière D’Arc, 2014, p. 14-15). O exame de algumas propostas urbanas de Flávio de Carvalho possibilita ampliar o panorama de significados atribuídos às cidades do continente por meio de sua história. O conjunto de reflexões e projetos conformado por “A Cidade do Homem Nu”, de 1930, “A Casa do Homem Americano”, de 1938 e “Meditações na Cordilheira”, de 1947 indica como Flávio de Carvalho descentralizou as matrizes eurocênicas do projeto moderno colonizador e pautou um outro destino para o continente americano a partir das tradições pré-colombianas. Sua experiência no Altiplano é recuperada a partir do potencial crítico e de denúncia dos cânones modernos da arquitetura e do urbanismo de modo a subverter suas pretensões universalistas. Esse

¹ A apresentação hifenizada das diferentes profissões e campos disciplinares associados a Flávio de Carvalho é uma opção inteiramente dos autores. Ele mesmo se definia como engenheiro civil para “cálculos e projetos de estruturas metálicas e estruturas de concreto armado – arquitetura moderna – topografia para estrada de ferro – decoração interna de jardins modernos – projetos de mobília – painéis decorativos – projeto e execução de cenários de teatro e cinema – anúncios”, como escrito em seu cartão de visitas depositado no Fundo Flávio de Carvalho do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE-UNICAMP).

percurso de reflexões, experimentações e provocações partia do diálogo estabelecido entre a antropofagia e o campo da arquitetura e do urbanismo.

Como enfatiza Paola Jacques, a partir desse repertório modernista Flávio estabelecia os marcos para um projeto político anticolonialista no qual “os ameríndios seriam o futuro e não o passado, o avanço e não o atraso, o nomadismo e não o nacionalismo” (Jacques, 2021, p. 371). A autora recupera as interpretações consolidadas pela historiografia e pela crítica ao longo da segunda metade do século XX (Dahler, 1982; Sangirardi Junior, 1985; Toledo, 1994) para sublinhar o diálogo entre Flávio de Carvalho e os modernistas de São Paulo com especial interesse e atenção a sua relação com Oswald de Andrade e seu Manifesto Antropófago. Além de Jacques, Rui Moreira Leite (2008) indica a importância da inserção de Flávio de Carvalho nesse meio modernista para a compreensão de suas proposições desde o emblemático projeto para o Palácio do Governo – denominado Eficácia – no final da década de 1920, interpretado como uma das primeiras manifestações materiais do modernismo. A boa recepção do projeto pelos intelectuais e artistas dessa vertente, como Mário de Andrade, ajudou a consolidar Flávio de Carvalho como um “artista total” (Leite, 2008, p. 14), passando a ser convidado a participar de uma série de salões, exposições, eventos e congressos nas décadas seguintes. Ou seja, a posição de destaque assumida em relação às vanguardas do período o permitiu formular uma contundente crítica não só às perspectivas e cânones eurocêntricos, mas à própria ideia de centro e seus derivados – periferia, fronteira, territorialidades fixas, etc.

2 Eros e Ananke no Novo Mundo

O transatlântico SS *George Washington*, terceiro maior navio a vapor do mundo quando foi construído, fez sua primeira viagem em janeiro de 1909 ao navegar de Bremen (Alemanha) para Nova York via Southampton (Reino Unido) e Cherbourg-en-Cotentin (França). Destinado inicialmente ao serviço de passageiros, levou a bordo um chimpanzé chamado *Cônsul* que era anunciado como “sua Alteza Darwiniana” e “Quase Homem-Macaco” ao partir para a América do Norte como atração para o circuito *William Morris Vaudeville* (*The New York Times*, 21 de junho de 1909, p. 7). Meses depois, em agosto, o médico neurologista e fundador da psicanálise Sigmund Freud embarcou no transatlântico em direção ao Novo Mundo na companhia de seus, então, colaboradores Sándor Ferenczi e de Carl Gustav Jung. Alguns relatos, confirmados décadas mais tarde por Jacques Lacan, atestam que, ao avistar a Estátua da Liberdade em Nova York, Freud teria dito: “Eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste!”. A frase se tornaria famosa ao ser associada ao espírito subversivo da psicanálise, mas foi recuperada por Lacan para sublinhar um mal entendido: “ele havia acreditado que a psicanálise seria uma revolução para a América [do Norte], e, na realidade, a[s] América[s] é que tinha[m] devorado sua doutrina” (Chinalli, 2010, p. 3).

A noção de progresso estava atrelada ao desenvolvimento tecnológico permitido pelo avanço da emergente indústria, pela evolução das técnicas e pelas mudanças dos métodos construtivos. Com isso, tornava-se não só possível, mas desejável que os profissionais urbanos – sanitaristas, engenheiros, urbanistas – interferissem no desenvolvimento e transformação das cidades em rápido crescimento. Assim, o novo homem emergiu como uma preocupação para muitos dos pensadores e intelectuais daquele momento. Uma inquietação comum sobre a subjetividade do homem moderno e do inconsciente humano – uma questão igualmente moderna – que se lançava na experiência da civilização na modernidade. Perguntas como “deve o homem submeter-se às forças da natureza ou deve pesquisar novos problemas, criar novos ambientes?” e “deve a cidade ser alimentada coletivamente ou não?” (Carvalho, 1929, p. 2) se tornaram pujantes naquele momento. A máquina, o tempo, as organizações sociais, a alma humana do homem moderno e como se transformam as cidades modernas foram temas que ganharam destaque nas reflexões do período.

Totem e tabu: algumas concordâncias na vida anímica dos selvagens e dos neuróticos é um texto escrito por Freud entre 1912 e 1913 a partir da comparação entre o pensamento neurótico e o pensamento dos então chamados primitivos para narrar o mito moderno em diálogo com a etnografia de seu tempo. Na obra, o mito é reencenado por um banquete totêmico: um grupo se reúne, come, ingere (e, portanto, se identifica) e se incorpora a um elemento que faz parte do simbólico e os determina como submetidos a uma mesma lei (ou, ao pai *Urvater*). Este gesto estabelece a regra da interdição do incesto e da exogamia. Ou seja, a representação da castração, da limitação das nossas possibilidades de parentesco que institui a noção de família, os laços identitários e, sobretudo, da identificação com regras sociais primárias inseridas em um sistema de circulação e de interdições relacionadas ao tabu.

Revisando o próprio trabalho em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud, a partir do crime primordial – o parricídio e o banquete totêmico –, caracteriza o processo cultural que se desenrola na humanidade a partir das modificações que os povos, tribos, clãs ou grupos experimentam sob influência de “uma tarefa colocada por Eros e instigada por Ananke (...) [que] consiste na união de indivíduos separados em uma comunidade ligada libidinalmente” (Freud, [1930] 2010, p. 114). Ambas as figuras advindas da mitologia grega, Ananke, mãe das Moiras, era a personificação do inevitável, da necessidade, do destino, enquanto Eros, da paixão, do amor e do erotismo. Esse processo se relacionava ao próprio ato de civilizar-se, entendido como uma operação de recalque, de repressão de hábitos e comportamentos de controle do corpo e da mediação com objetos, normas, regras, contenções, interdições, ou seja, repressões causadoras de mal-estar.

3 Cidade-laboratório: A cidade do homem nu

O continente americano, pela sua privilegiada situação histórica, está mais apto que qualquer outro a contemplar o problema do homem nu. O continente americano não herdou do passado o recalque trágico da filosofia escolástica; ele possui elementos próprios para criar uma civilização nua, um novo mecanismo despido dos tabus da velha Europa, uma renovação científica e estética que o colocará na vanguarda da organização humana. Convido os representantes da América a retirarem as suas máscaras de civilizados e pôr à mostra as suas tendências antropófagas que foram reprimidas pela conquista colonial, mas que hoje seriam o nosso orgulho de homens sinceros, de caminhar sem deus para uma solução lógica do problema da vida da cidade, do problema da eficiência da vida (Carvalho, 1930, p. 6).

Ao longo de sua trajetória, Flávio de Carvalho desenvolveu diversos esquemas psíquicos baseados na relação entre totem e tabu, totemismo e fetichismo. Em uma espécie de teoria fetichista da vida, propõe uma leitura antropofágica das ideias de Freud para desenvolver sua psicoetnografia erótica, na qual o campo do inconsciente passa a fazer parte do problema estético formulado através de seus estudos sobre a cidade. O homem é, nesse sentido, entendido a partir do percurso no qual, assim como deus, perde suas dimensões animais e deixa o mato virgem (Carvalho, [1933] 1939) para civilizar-se entre os neuróticos (Freud, [1930] 2010) e se constituir enquanto sujeito na relação com o outro através da linguagem, do desejo e da erótica. A inversão proposta pela antropofagia, a transformação do tabu em totem, passava a ser, para ele, o mote da proposta de incorporação de uma multiplicidade de diferenças, dos vários “outros”, de uma devoração, e, portanto, da informação/identificação impura das mais diferentes culturas sem buscar uma unificação ou integração.

As implicações desses pressupostos levavam necessariamente a uma série de desarticulações e desnaturalizações, dentre as quais destacamos aquela operada entre o urbano e as matrizes nacionalistas que conformavam o debate sobre as cidades no período. *A cidade do homem nu* foi o projeto-tese-manifesto apresentado por Flávio de Carvalho no IV Congresso Pan-americano de Arquitetos (CPA) sediado no Rio de Janeiro em 1930. Trata-se de um projeto antropofágico de cidade-manifesto pela liberdade urbana incondicional elaborado a partir do tema “regionalismo e internacionalismo na arquitetura contemporânea – a orientação espiritual da arquitetura na América” e que misturava conceitos modernos corbusianos às ideias do movimento antropofágico para criação de um plano geral para uma cidade moderna, tropical e americana. Flávio de Carvalho, de modo a confrontar a elite técnica presente no congresso, propunha o desnudamento do próprio urbanismo como disciplina prática funcionalista, repressora ou disciplinadora dos desejos humanos.

As nossas cidades de hoje são verdadeiros pandemônios e vivem em constante desequilíbrio. O homem de hoje gasta as suas energias inutilmente devido ao organismo doentio da cidade. A cidade cansa o homem, destruindo a sua energia vital. O homem da cidade de hoje não aproveita a sua capacidade de produção, não pode aproveitar, porque o organismo burguês desorganizado tudo faz para aniquilar no homem o gosto pela vida, o entusiasmo de produzir coisas, o desejo de mudar. A cidade do homem nu será a metrópole da oportunidade, um centro de sublimação natural dos desejos do homem, um centro de reanimação de desejos exaustos; um grande centro de produção de vida orgânica, de seleção e distribuição dessa vida em formas de energia útil ao homem (Carvalho, 1930, p. 6).

A opinião “visceralmente antropofágica” (*Relatório dos sucessos...*, 1930, p. 36), como adjetivado por outros delegados presentes no IV CPA, causou incômodo e revolta aos que ouviram o engenheiro discorrer sobre a cidade do homem nu. Uma das narrativas foi

elaborada pelo engenheiro Jayme Cunha da Gama e Abreu, representante do estado da Bahia no IV CPA e autor de um relatório onde comentava detidamente aspectos julgados mais relevantes do evento. Gama e Abreu comenta que José Marianno Filho e Flávio de Carvalho foram os protagonistas das polêmicas e das disputas pela definição do que seria a arquitetura e o urbanismo na América durante o congresso. O projeto de Flávio de Carvalho retomava criticamente algumas ideias do arquiteto franco-suíço Le Corbusier para criação de um manifesto por uma liberdade urbana nas Américas e pela alteridade na cidade tropical do futuro. “A cidade americana não é mais a cidade-fortim da conquista. Ela será a cidade geográfica e climatérica, a cidade do homem nu, do homem com raciocínio livre e eminentemente antropófago” (Carvalho, 1930, p. 6). Enquanto tal, ela exigia um mecanismo urbano totalmente redimensionado: um gigantesco motor em movimento capaz de transformar “a energia das ideias em necessidades para o indivíduo, realizando o desejo coletivo, produzindo felicidade, isto é, a compreensão da vida e do movimento” (Carvalho, 1930, p. 6).

O homem nu selecionará ele mesmo as suas formas de erótica; nenhuma restrição exigirá dele este ou aquele sacrifício; a sua energia cerebral será suficiente para controlar e selecionar seus desejos. A zona erótica é realmente um imenso laboratório onde se agitam os mais diversos desejos, onde o homem nu pode encontrar a sua alma antiga, pode projetar a sua ânsia livre, a sua energia solta em qualquer sentido, sem repressão; (...) impõe a si mesmo uma seleção rigorosa e eficiente, forma o seu novo “ego”, orienta a sua libido e destrói o ilógico, aproximando-se assim do deus símbolo, sublima angústia do desconhecido, da mutação do não métrico (Carvalho, 1930, p. 6).

Uma cidade zoneada e dividida em laboratórios localizados em círculos concêntricos agrupados por investigações sobre os mais variados desejos de conhecimento e do erotismo do homem que seria, então, um homem nu, livre de deus, despido de preconceitos. A cidade do homem nu era o projeto de uma cidade “onde [o homem] encontraria sua alma antiga, onde projetaria sua energia solta em qualquer direção, sem repressão; onde realizaria seus desejos, descobriria novos desejos” (Carvalho, 1930, p. 6) para pesquisar e progredir de modo que utilizasse seu maior rendimento para aumentar a eficiência da vida e da coletividade. O “delegado antropófago”, como caracterizado por Antonio Crispim no artigo publicado em *Diário de Minas* (Crispim, 1930, p. 11), defendia a erótica enquanto forma de agir e pensar antropofagicamente na cidade americana, uma produção urbana libertária, desnudada das amarras impostas pelo racionalismo ocidental do regime colonial europeu. O homem livre, “despido dos tabus vencidos, produzirá coisas maravilhosas, (...) o homem primitivo, livre dos tabus ocidentais (...), o homem como ele aparece na natureza, com todos os seus desejos, toda sua curiosidade intacta e não reprimida” (Carvalho, 1930, p. 6). Em suma, o homem nu, a partir deste investimento libidinal, projetará sua cidade-laboratório: livre, desejante, erótica e americana.

4 “Mergulhando num mar de nuvens...”: Experiência no Altiplano

Em uma outra edição dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, dessa vez sediado no Peru em 1947, Flávio de Carvalho parece ter avançado em suas empreitadas etnográficas e na análise do homem americano e seu modo de habitar e viver na cidade, com especial interesse nas tradições pré-colombianas. A própria organização desse congresso sublinhava a importância dessa tradição ao escolher não apenas uma, mas duas cidades peruanas para sediar o evento: a capital, Lima, e Cuzco, onde os delegados realizaram uma visita às ruínas de Machu-Picchu e Sacsayhuaman. Essa foi a motivação para a viagem de Flávio de Carvalho ao Altiplano andino, no centro-oeste da América do Sul. Na ocasião, ele apresentou o trabalho *A casa do homem americano* como parte do tema “a arquitetura americana em suas diversas e sucessivas expressões plásticas e suas projeções na orientação da arquitetura atual do continente” (Actas, 1953, p. 52).²

O trabalho, em algum sentido, dava continuidade às provocações feitas em 1930 a partir da cidade do homem nu e retomava uma outra conferência proferida por ele na Rádio Cultura de São Paulo em 1938 sobre a casa do homem do século XX.³ Esse conjunto

² As atas dessa edição dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos só foram publicadas seis anos depois da realização do evento, em 1953.

³ Não nos aprofundaremos sobre o conteúdo dessa palestra de 1938 pelos limites formais do artigo. Ainda assim, importa pontuar que Flávio de Carvalho argumentou sobre a cisão entre a casa do século XIX, construída como uma fortaleza para proteger o homem e apartá-lo da cidade, e a casa moderna, acessório para auxiliar a vida do homem e integrá-lo à vida pública e comunitária. Segundo ele, a relação entre casa e cidade havia se transformado radicalmente no século XX, de modo que “a cidade é toda ela a casa do homem” (Carvalho, [1938] 2003, p. 54).

formado pelas três reflexões, atravessadas por diferentes tempos e motivações, indica um percurso do engenheiro a partir da indagação acerca da natureza humana: quem seria esse homem? Como vive? O que come? Para onde vai? Percurso no sentido de um roteiro ou caminho de pesquisa, mas, também, um deslocamento. A viagem ao Altiplano teve um papel importante no aprofundamento dessas questões e na articulação entre as dimensões antropofágica e urbana de seu pensamento.

Seu interesse em *A casa do homem americano* era o de entender os efeitos da paisagem sobre o homem e sua estrutura social. Para isso, analisou a expressão telúrica da moradia de diferentes povos e suas temporalidades e fixou os Incas e o Lago Titicaca como origens e, ao mesmo tempo, fins a serem perseguidos pela evolução. A contraposição do “nós”, povos americanos nascidos fora das tradições da filosofia escolástica, ao “outro”, civilização europeia e lugar da repetição dos antigos movimentos ensinados pelo ciclo cristão, buscava convencer seus pares das potencialidades a serem exploradas na conformação de um novo tipo de homem e de cidade. Histórias não canônicas e até marginalizadas, nesse sentido, tornavam-se a trama para esse projeto intelectual de formular outras cronologias e buscar outras heranças para compor a ideia de uma modernidade formulada a partir da América. O homem americano, nu e livre, em contraponto ao homem europeu, civilizado e não mais entendido como destino final, mas como antítese.

Além de apresentar essa tese no VI CPA, a viagem ao Peru e à Bolívia ainda rendeu um conjunto de artigos intitulado *Meditações na Cordilheira* e publicados meses depois em *O Estado de São Paulo*, vestígios importantes do impacto dessas paisagens no pensamento de Flávio de Carvalho.⁴ A paisagem andina o apresentava a um “mundo de conto de fadas” ocupado por feiticeiras e bonecas de carne e osso que viviam em “cidades de sonho, castelos impossíveis” (Carvalho, 1947a, para. 1). Os “palácios feéricos”, suntuosos e suspensos nas nuvens da Cordilheira, “fiados no tom da paisagem”, o fizeram indagar: “Que teria induzido esses homens eminentemente práticos a se instalarem em cima da solidão do Continente?” (Carvalho, 1947a, para. 9). Ele buscava na história explicações para compreender a organização social dessas sociedades e para operar seu deslocamento das margens para o centro de um projeto moderno, utópico e revolucionário. Somente por meio de sua organização “bolchevique” o império Inca teria sido capaz de resistir à agressividade da paisagem e às forças da natureza do Altiplano, fazendo com que o ameríndio se tornasse uma parte da terra e da paisagem. Esse seria o objetivo da cidade do homem nu e de seus projetos urbanos elaborados desde então: se colocar na contramão do sentido evolutivo assumido tradicionalmente pelo progresso e pela civilização eurocentrada e redefinir o dualismo entre natureza e cultura.

Esse estudo sobre a organização social dos Incas e a conformação do homem americano situado no Altiplano foi o teor dessa série de artigos em que Flávio de Carvalho mobilizou seus referenciais teóricos, sobretudo Freud e a psicanálise. O caráter de resistência dessas populações do Altiplano, a ser perseguido por todas as civilizações americanas, vinha justamente do erotismo de seus hábitos, expressão de uma vontade política de resistir às opressões dos colonizadores. Em um dos artigos, o engenheiro explora os hábitos alimentares do homem do Altiplano, encarados como consequência de seu estado de alma:

O estômago torna-se o ponto final da resistência passiva. Homem, mulher, criança, velho... não comem. Não comendo, não terão que entregar ao branco o pouco que ganham com o labor de bestas de carga exercido do raiar do dia ao pôr do sol. 'Nada comprar ao branco' é a palavra de ordem do ódio ancestral da raça vencida. Mascando a coca, anestesiam a sensação de fome em toda a superfície do órgão da fome. Desapar o erotismo da fome nas fumaças do ódio, qualquer coisa volumosa, ingerida afastadamente, serve para enganar os órgãos digestivos (...). Anestesiando o erotismo da fome, ele torna possível o prosseguimento da resistência passiva (...) (Carvalho, 1947b, para. 4).

Esse processo investigativo sobre o homem do Altiplano aprofunda algumas reflexões já colocadas em questão em “A cidade do homem nu” sobre o continente americano. A América era entendida como livre das heranças do passado escolástico europeu e possuía elementos próprios para criar uma civilização nua, “um novo mecanismo despido dos tabus da velha Europa, uma renovação científica e estética que o colocará na vanguarda da organização humana” (Carvalho, 1930, p. 6). Se em 1930 ele convidava os arquitetos sul-americanos a retirar as máscaras da civilização e expor suas tendências antropofágicas, em 1947 o deslocamento até

⁴ O presente artigo se valeu dos originais datilografados desse conjunto de textos que estão salvaguardados pelo CEDAE-UNICAMP e, por isso, não há indicação dos números das páginas.

a Cordilheira lhe dava elementos concretos para resistir à contínua conquista colonial perpetuada pelas práticas urbanísticas tecnicistas.

5 Considerações finais

Revisitar as provocações de Flávio de Carvalho e explorar seu percurso investigativo sobre o homem, a paisagem e as cidades do Altiplano nos permite sublinhar seu engajamento em um projeto político contra-colonial. Uma série de autores já argumentaram sobre como a ocupação e a conquista do continente americano desempenharam um papel central no desenvolvimento geral da cultura ocidental (Dussel, Krauel & Tuma, 2000). Nesse processo, as cidades, seu crescimento, suas transformações e, sobretudo, os projetos, planos e previsões para seu futuro eram colocados no centro do debate e tornavam-se fenômenos articuladores desses enunciados coloniais. Fernando Lara propõe uma inversão nos termos dessa lógica ao argumentar que o encontro e a conquista foram a causa – e não a consequência – da modernização europeia (Lara, 2020). Ou seja, foi nas Américas que os gatilhos para essa modernidade puderam ser testados e explorados em suas possibilidades tanto de violência, quanto de resistência e reinvenção. Ainda que Flávio de Carvalho se distancie temporalmente das bases epistemológicas formuladas nas últimas décadas sobre o decolonial, essas experiências e reflexões certamente buscam outras heranças para formular um projeto moderno de cidade a partir da experiência das sociedades pré-colombianas, deslocadas da margem ao centro do debate. Acreditamos que, dessa forma, será possível continuar a perseguir outras formas de existir e habitar o mundo moderno em um continente, como já percebia Flávio de Carvalho, cuja história não começou com a conquista e a colonização.

Referências

- Actas del VI Congreso Panamericano de Arquitectos (publicación oficial)*. (1953). Imprenta Santa María.
- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 11, 89–117. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- Carvalho, F. (1929). Arte e Ciência de habitar. Sob o influxo da civilização mecanizada de nosso tempo: Le Corbusier, o grande reformador da arquitetura, fala-nos sobre o palpitante assunto. *Diário Da Noite*, 2.
- Carvalho, F. (1930, 01 de julho). Uma these curiosa. *Diário Da Noite*, 6.
- Carvalho, F. ([1933] 1939). O bailado do deus morto. *Revista Anual Do Salão de Maio*, 1.
- Carvalho, F. ([1938] 2003). A casa do homem do século XX. In *Depoimento de uma geração*. Editora Cosac Naify.
- Carvalho, F. (1947a). *Meditação na Cordilheira*. V Congresso Pan-Americano de Arquitetos, Lima. Originais datilografados - Fundo Flávio de Carvalho (CEDAE-UNICAMP).
- Carvalho, F. (1947b). *A resistência passiva no altiplano*. Originais datilografados – Fundo Flávio de Carvalho (CEDAE-UNICAMP).
- Chinalli, M. (2010). A chegada da peste: cem anos da viagem de Freud aos EUA (1909-2009). *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos Da UFMG*, 4(7), 53. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.4.7.53-62>.
- CONSUL A LIVELY SHIP PASSENGER; Educated Monkey Here for Vaudeville Takes a Cigarette with the Reporters. (1909, June 21). *The New York Times*, 7.
- Crispim, A. (1930, 10 de julho). A antropofagia no século XX. *Diário de Minas*, 11.
- Dahler, L. C. (1982). *Flávio de Carvalho: Arquitetura e Expressionismo*. Projeto.
- Dussel, E.D., Krauel, J., & Tuma, V.C. (2000). Europe, Modernity, and Eurocentrism. *Nepantla: Views from South* 1(3), 465-478.
- Freud, S. (1930). *Civilization and Its Discontents*. (J. Riviere). The Hogarth Press. <http://bradleymurray.ca>.

Freud, S. (2012). *Obras Completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). Companhia das Letras.

Jacques, P. B. (2021). *Pensamentos selvagens*. EDUFBA.

Lara, F., Martínez Nespral, F., Quintana-Guerrero, I. (2023). Barajar el canon: hacia un entendimiento descolonizado de la arquitectura. *Dearq*, 36, 4-8. <https://doi.org/10.18389/dearq36.2023.01>.

Lara, F. (2020). American Mirror: the occupation of the New World and the rise of architecture as we know it. *The Plan Journal*, 5 (1), 71-88. <https://www.doi.org/10.15274/tpj.2020.05.01.5>.

Leite, R. M. (2008). *Flávio de Carvalho. O artista total*. Editora Senac São Paulo.

Martínez Nespral, F. (2019). ¿Misteriosas? ¿Para quién? Hacia una decolonización de la enseñanza-aprendizaje de la historia de la arquitectura. *Arquitecturas del Sur*, 47(56), 70-83. <https://doi.org/10.22320/07196466.2019.37.056.05>.

Morse, R. (1990). El desarrollo urbano em la Hispanoamérica Colonial. In L. Bethell (Ed.), *Historia de América Latina. Tomo 1. América Latina Colonial: La América Precolombina y La Conquista*. Editorial Crítica.

Relatório dos sucessos mais importantes verificados no IV Congresso Pan-Americano de Architetos apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado da Bahia pelo delegado baiano Eng. Civil Jayme Cunha da Gama e Abreu. (1930). Imprensa Oficial do Estado.

Sangirardi Junior. (1985). *Flávio de Carvalho: o Revolucionário Romântico*. Philobliblion Livros de Arte Ltda.

Toledo, J. (1994). *Flávio de Carvalho, o comedor de emoções*. Editora da UNICAMP.

Topalov, C., Bresciani, M. S. M., Coudroy De Lille, L., & Rivière D'Arc, H. (2014). *A aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades*. Romano Guerra.